

Ivone Gebara

ivonegebara@gmail.com

Doctora en Filosofía por la Universidad Católica de São Paulo
y en Ciencias Religiosas por la Universidad Católica de Louvain-Bélgica.

EL PROTAGONISMO DE LAS MUJERES EN EL CRISTIANISMO LATINOAMERICANO DEL SIGLO XXI: ALGUNOS DESAFÍOS

Resumen: *El texto aborda la relación contemporánea de las mujeres latinoamericanas con diferentes iglesias al interior del cristianismo. Intenta rescatar el protagonismo femenino y mostrar las ambigüedades de las vivencias religiosas marcadas por las relaciones de género. Relaciones de dependencia y autonomía se mezclan, se afirman como voluntad divina y al mismo tiempo, se excluyen. Muestra la complejidad del momento y el desafío de la búsqueda de libertad y la afirmación de identidades plurales que cuestionan las prácticas y los contenidos religiosos.*

Palabras clave: *Protagonismo, Derecho de las mujeres, Identidades Sexuales, Género, Religión, Violencia, Liberación*

The prominence of women in the 21st century Latin American Christianity: some challenges

Abstract: *The text addresses the contemporary relationship of Latin American women with different Christian Churches. It attempts to recover the importance of the female role and to show the ambiguity of the religious experiences marked by gender relations. The relationship of dependency and autonomy get mixed up, they assert themselves as divine will and at the same time they are mutually exclusive. The text also presents the complexity of the century, the challenge for the pursuit of freedom and the existence of plural identities which put into question the religious practices and contents.*

Keywords: *Prominence, Women's Rights, Sexual identities, Gender, Religion, Violence, Liberation.*



Introdução

O título que proponho para essa reflexão é bastante amplo e ao mesmo tempo limitado a provisoriedade de minha observação atual. A história humana não pára e a descrição de um fenômeno chama outro e revela a incompletude de todas as nossas observações e análises. Por isso, ao falar do *protagonismo* das mulheres estou já assumindo uma postura limitada que tem a ver com minhas escolhas filosóficas, sociais e políticas. Em outros termos, analiso alguns fenômenos a partir de uma orientação de vida que poderia até ser chamada de ideologia política. É ela que seleciona e orienta minhas interpretações. É ela que de certa forma abraça e que dá forma a minhas ações, escolhas e pensamentos. Parece que não podemos fugir à nossa subjetividade, socialização e suas implicações mesmo tentando fazer uma simples descrição dos fenômenos históricos. O que nos aparece já nos aparece como limitado ao nosso olhar e à nossa situação. Escrevo como mulher, de algum lugar social e político e este lugar já é por si também limitativo de minha observação e análise. Ao mesmo tempo, este lugar revela a existência de muitos outros lugares a partir dos quais se fala e se escreve sobre as relações humanas e sobre os feminismos. São falas e escritas que muitas vezes conflitam entre si e mostram a complexa dinâmica da história humana. Para mim, dentro e para além dos dualismos entre vencedores e vencidos, opressores e oprimidos, público e privado, mulheres e homens há a condição humana sempre marcada por complexidades, ambigüidades e paradoxos. Estes se manifestam em todas as situações e constituem o fértil terreno a partir do qual afirmamos nossas identidades e posturas. Nossa humanidade manifesta-se na diversidade que somos. Em suma, cada pessoa vive esta condição segundo uma maneira específica e expressa convergências e divergências em relação às outras pessoas. Por isso falar de protagonismo é já limitá-lo a certa compreensão do sentido de protagonismo na história das relações humanas. É situá-lo numa interpretação, é limitá-lo a partir de um olhar, é explicá-lo a partir de uma linguagem e de uma esperança que tem ela própria sua história.

Na presente reflexão debruço-me sobre algumas relações e vivências das mulheres com a religião. Privilegio a cristã nas suas diferentes expressões históricas assim como nas posturas críticas em relação a ela. Como já dizia Max Weber (1905/2001: 26) em relação à dominação das instituições



religiosas, tentarei captar algo do “insuportável controle eclesiástico” exercido sobre as mulheres e de seu papel como resposta a necessidades as mais variadas. Trata-se de um controle, hoje ainda na maioria dos casos imperceptível pela maioria das mulheres que buscam vivências e ajuda nas instituições da religião. Isto porque o controle é revestido de promessas de restauração imediata da vida ou de uma felicidade profundamente desejada. Para mim um dos ‘nós’ dessa questão na atualidade tem a ver com o crescimento do número de adeptas desse Cristianismo dominador das consciências em meio ao desenvolvimento da chamada “revolução feminista”. Esta trabalhou teoricamente não só a partir de conceitos como patriarcado, gênero, identidades sexuais e sociais, mas abriu canais de atuação em políticas públicas em favor da vida da população feminina. Favoreceu em muitos países processos de cidadania e de reconhecimento de direitos específicos das mulheres. Entrou em conflito com hábitos culturais estabelecidos e tentou abrir a consciência de muitas para a responsabilidade de ser protagonista de sua própria história. Entretanto, essas conquistas parecem ser ignoradas pela grande massa de mulheres freqüentadoras desse Cristianismo imediatista que cresce, sobretudo nas periferias da América Latina. Muitas análises da situação social em que vivem essas mulheres denunciam a pouca formação social e religiosa que têm. Nesse contexto, a pergunta que atravessa minha reflexão é: *o que buscam as mulheres nessas religiões e por que são as religiões lugares de resposta privilegiada dessa busca?*

Usando uma analogia tirada do título do livro de Max Weber “O espírito do Capitalismo” gostaria de ensaiar uma reflexão sobre o ‘espírito’ ou sobre as razões da adesão a esse modelo de Cristianismo. Trata-se de um Cristianismo aparentemente pouco racional, pouco consciente dos grandes problemas do mundo, pouco elaborado doutrinalmente, mas que vive e sobrevive no e do comportamento de muitas mulheres. Aparece como uma ‘fé mágica’ em alguns poderes sobrenaturais e uma submissão ou dependência em relação a figuras masculinas que se apresentam com muito poder. Além disso, tem conseqüências no funcionamento do conjunto da sociedade e de forma particular na organização da sociedade capitalista na qual vivemos com incidência direta na vida das mulheres. Nessa reflexão pergunto-me igualmente sobre os chamados caminhos alternativos nos

quais grupos de mulheres se organizam a partir de posturas denominadas “pós-cristãs” ou simplesmente para além do Cristianismo. Muito embora, a grande maioria das adeptas dessa linha alternativa tenha raízes familiares cristãs, hoje elas constituem uma significativa dissidência em relação ao Cristianismo. Finalmente me debruçarei brevemente sobre o papel social das teólogas feministas e sua postura institucional e não institucional como mais uma variação do tema do protagonismo das mulheres.

A mediação de gênero numa perspectiva dinâmica será um dos elementos de ajuda na presente reflexão sobre o protagonismo feminino e suas conseqüências nas muitas vivências religiosas e sociais.

1. Gênero: realidade e mediação analítica

A palavra *Gênero* recobre uma realidade complexa constatável nas relações humanas e para além delas. É usada como mediação analítica pelo feminismo para entender e explicar formas de sociabilidade e opressões entre mulheres e homens nos seus tradicionais e novos papéis. Não pretendo enveredar pela história do conceito gênero com todas as suas variações e seus complexos meandros. Apenas quero lembrar que o estudo das relações de gênero nas diferentes ciências desenvolveu-se especialmente a partir da segunda metade do século passado. O ponto de partida foi, sobretudo, a observação de que as relações humanas injustas não se expressavam apenas como relações de classe ou relações entre culturas e etnias diferentes. Expressavam-se também entre gêneros e múltiplas identidades de gênero e estas eram portadoras de uma enorme dose de produção de injustiça, dominação, preconceitos e de violência que se cruzavam em diferentes direções.

Aceitar conflitos entre castas, entre classes, entre etnias diferentes sempre pareceu óbvio. Entretanto, falar de conflito de gênero apareceu para muitos como uma exorbitância, sobretudo num mundo organizado prioritariamente a partir do modelo masculino fortemente marcado por hierarquias e dualidades que se opunham. Acreditava-se que os papéis reservados a mulheres e homens provinham da natureza física ou de Deus, de forma que nós reproduzíamos em nossos comportamentos os desígnios de uma vontade superior à nossa ou à constituição natural de nosso ser. Havia sem



dúvida uma naturalização da biologia e de seus papéis sociais assim como das crenças religiosas.

A teoria de gênero desenvolvida pelo feminismo passou por diferentes fases de construção e desconstrução revelando assim os limites de seu uso. Por exemplo, Judith Butler no prefácio de 1999, comenta seu livro “Gender Trouble” escrito em 1990 e chama a atenção para o necessário cuidado que o feminismo deve ter para não idealizar expressões e modelos de gênero. E isto porque todas nós corremos o risco de construir novas hierarquias e novas exclusões. É preciso estar vigilantes em relação às armadilhas de nossas próprias análises para não deslegitimizarmos minorias e não cairmos numa super valorização da noção de gênero como se ela pudesse ser um novo absoluto. O objetivo crítico de Judith Butler em relação a seu próprio trabalho tem como finalidade expandir o campo de possibilidades da noção analítica de gênero e sair do esquema binário - mulheres X homens. Foram as práticas sexuais diferentes tornadas públicas que desestabilizam a tradicional noção de gênero e nos mostraram a dificuldade de fecharmos o conceito num binarismo ou numa normatividade sexual pré-estabelecida. A prática sexual desafia e convida a noção de gênero a contínuas reformulações (Butler, Judith, 1999, Preface: viii). E, não só ela, mas a realidade histórica atual nos lança novas questões em relação aos saberes e poderes instituídos e a facilidade com que podem se estabelecer como novos absolutos. Essa tentação não apenas toca os feminismos, mas as atuais formas capitalistas de submissão das mulheres. Sem que percebamos muitas vezes nos submetemos a novas formas de servidão física e emocional travestidas de beleza, perfeição, bem estar e felicidade. Sujeitamos nossas vidas a disciplinas corporais extremas acolhendo os novos modelos de mulheres divulgadas pela mídia e pela propaganda. Oferecemos nossos corpos em sacrifício para que o ideal de beleza, expresso no corpo ideal, no peso ideal, na integração harmônica entre corpo e mente faça sua morada em nossos corpos. Culpas e sacrifícios não faltam. Aqui também se delinea mais uma linha de frente para os feminismos contemporâneos visto que essas novas formas de dominação aparecem revestidas como libertação para as mulheres. Seus sacerdotes instrumentalizam as próprias mulheres para que assumam a mediação pública do novo caminho para a felicidade feminina.

No que se refere ao Cristianismo, desde o século XIX



algumas mulheres já denunciavam o uso da Bíblia para reforçar posições políticas de exclusão de uma participação na vida pública. É o caso, por exemplo, de Elizabeth Candy Stanton, uma sufragista norte-americana que escreveu a “Bíblia das mulheres”, texto onde retirou da Bíblia todas as afirmações consideradas contrárias à dignidade feminina. Fez o esforço de revisar todos os textos bíblicos especialmente os que se referiam à vida das mulheres, os que lhes negavam direitos assim como textos nos quais as mulheres foram excluídas de atividades importantes para a comunidade. Percebeu o quanto sacerdotes e legisladores estavam unidos no processo de exclusão das mulheres de direitos básicos não apenas na história bíblica, mas também na atualidade.

O movimento de consciência das mulheres em relação a seus próprios direitos foi crescente ao longo da história, apesar das quebras quanto à regularidade e a expansão em certos contextos culturais. Da mesma forma a consciência da cumplicidade das religiões patriarcais na dominação feminina, embora nem sempre presente, foi um significativo fenômeno, desde o século XIX até os dias de hoje.

A tomada de consciência de que não apenas excluímos os outros que nos ameaçam por sua etnia ou sua casta ou sua classe social, mas por seu gênero, por sua orientação sexual, por suas preferências, por suas transformações sexuais ao longo da própria história foi considerado por muitos autores como a grande revolução cultural do século XX. Entretanto, constatamos que é bem mais do que isso. A sexualidade como fonte de preconceitos e de violência de diferentes tipos se delineia fortemente como problema nas relações humanas. A sexualidade como problema cultural, social, econômico, político e religioso constrói barreiras, produz preconceitos e muitas formas de violência. Dessa forma percebemos o quanto as diferentes opressões se entrecruzam e se expressam de múltiplas formas.

As igrejas cristãs e outros credos religiosos tiveram e têm ainda muita dificuldade em admitir a opressão de gênero e a diversidade de vivências sexuais, visto que lidam com um conceito de natureza e um conceito de Deus que não pode lhes permitir a compreensão das reivindicações das mulheres e de grupos minoritários como os homossexuais, os transexuais e outros. Para muitos, as reivindicações femininas não podem ser aceitas, pois parecem contrariar a própria natureza e a vontade divina. Com esse pensamento limitado acabam



excluindo a questão das relações de gênero e das sexualidades a partir de identidades diferentes. Não saem do dualista sistema binário mais ou menos estático e não acolhem uma concepção plural e complexa de identidades. A idéia de perfeição os persegue de forma que muitas vezes recusam a materialidade do real para abraçar um ideal imaginário.

Nessa perspectiva podemos dizer que essa ideologia religiosa desenvolve uma idéia mais ou menos fixista de natureza e de papéis do gênero masculino e feminino como se todas as leis já tivessem sido desde o início, estabelecidas por Deus. Cabe a nós, ao descobri-las, respeitá-las e vivê-las como vontade divina imutável. A partir daí desenvolvem um moralismo que exclui especialmente mulheres, homossexuais, transexuais que através de suas vidas transgridem essas “leis divinas”. Assim, o espaço da sexualidade é regulado por leis naturais consideradas divinas e eternas de forma que a realidade das relações humanas é mantida ou controlada por elas. O princípio canônico regulatório das relações humanas e da sexualidade corresponde à ordem patriarcal na qual a verdade das coisas é afirmada pela “voz” masculina. Na Bíblia está escrito que “Deus disse”, “a voz de Deus ordena”, “Deus castiga” e também “Deus cumula de bens os que lhe são fiéis”. Não se pergunta como se constituiu essa imagem de Deus e nem como ela funciona na vida das pessoas de diferentes culturas e meios. Menos ainda se dá ouvido aos novos discursos feministas e nem às novas afirmações filosóficas e antropológicas para além da metafísica tradicional.

Mulheres feministas, filósofas, sociólogas, teólogas e outras cientistas, alegam que para além desta noção fixista de natureza humana e de vontade de Deus há igualmente uma história de relações humanas marcada pela mistura, mobilidade e mutabilidade da vida (Gebara, Ivone, 2014). Esta, está eivada de poderes em conflito, sobretudo no âmbito público. A partir dessa constatação, passamos a denunciar a divisão social do trabalho segundo os gêneros, a divisão dos espaços em público para o homem e privado para a mulher, a relação entre natureza e cultura sendo que as mulheres foram sempre consideradas mais natureza que cultura e assim por diante. Ultimamente estamos tentando sair do genérico “mulheres” para afirmar as múltiplas identidades de mulheres e homens. Estas novas posturas influenciaram muitas de nós na nossa relação com as igrejas cristãs. Os conflitos foram inevitáveis, sobretudo diante da resistência

das hierarquias religiosas e de muitos fiéis tradicionalistas à introdução de análises de gênero mais complexas no interior dos ambientes religiosos. Sem dúvida essa introdução implicaria na mudança de conteúdos e na divisão de poderes.

Marcella Althaus-Reid teóloga argentina falecida há poucos anos, denunciou o quanto o Cristianismo latino-americano e até a teologia da libertação confundem verdades metafóricas com verdades históricas. Por isso uma teologia indecente se faz necessária. Marcella (2005: 21-22) escreve:

La teología indecente es lo opuesto a una teología canónica sexual centrada en la regulación de las prácticas amatorias justificadas como normales por modelos de infraestructura económica donde todo lo que queda fuera de la heterosexualidad patriarcal hegemónica es devaluado y espiritualmente alienado.

Apesar dos muitos esforços e pequenos avanços podemos dizer que esta situação ainda persiste na grande maioria das igrejas cristãs em todos os países da América latina. Quem critica e vive à margem dos valores hegemônicos parece não ter sua cidadania legalmente garantida nas instituições da religião.

Nesse texto não explico as muitas teorias sobre as relações de gênero, teorias facilmente encontráveis na literatura feminista atual. Reflito, sobretudo sobre a distância entre as teorias e a vivência das relações de gênero numa sociedade plural como a nossa especialmente no que se refere à observação da vivência feminina dos cristianismos populares e menos populares. Creio que esses cristianismos podem ser considerados como majoritários em relação a uma pequena elite pensante dentro do Cristianismo chamado da libertação feminista. Em outros termos penso que uma leitura feminista do Cristianismo ainda não tem cidadania reconhecida nos espaços oficiais das igrejas cristãs. Ao contrário é sujeita à desconfiança e ao desprezo inclusive da maioria das mulheres.

Se ficarmos apenas no conhecimento teórico das muitas teorias feministas, poderíamos até pensar que em breve o flagelo da dominação hierárquica de corte masculino estaria superado. Entretanto, quando tentamos observar a olho nu comportamentos presentes, de maneira particular no âmbito das religiões monoteístas, um calafrio toma o nosso corpo. Damos-nos conta que os processos históricos são bem mais lentos do que imaginamos e que o feminismo ainda



não tocou de maneira positiva e ampla o mundo cotidiano da plural religião cristã. Séculos de história passada não se modificam em 50 ou 60 anos, sobretudo quando se trata de institucionalização de crenças. Seguem abaixo alguns exemplos frutos de uma simples observação social que poderão ajudar a entender algo do que está se passando em nossos países.

2. Religião e mulheres do meio popular

Hoje, percebemos uma espécie de conservadorismo cultural e social que vem tomando terreno na sociedade provocado especialmente pelas instituições religiosas. Estas com acesso livre aos meios de comunicação e ao dinheiro para construção de grandes e pequenos templos mantêm viva a dinâmica da dominação religiosa de muitos/as travestida de muitas formas. E a dominação religiosa é também uma dominação cultural, política, econômica e social. Em nome de Deus continua favorecendo elites capazes de submeter milhares de fiéis, reduzindo-lhes a consciência de sua própria humanidade e em conseqüência diminuindo as possibilidades de mudanças sociais mais eficazes e diretas.

A grande maioria dos templos, programas radiofônicos e televisivos mantêm a liderança masculina frente aos fiéis. São eles os símbolos públicos do poder religioso. São eles que parecem ter o poder 'divino', através de um discurso que atrai as massas, de modificar a vida dos que se apresentam diante deles como necessitados de ajuda. Esse poder tem conseqüências trágicas já denunciadas pelos sociólogos da religião e outros especialistas. Entretanto, estes, por sua reflexão não conseguem intervir nem na mudança dos conteúdos veiculados e nem na atitude de dependência dos fiéis. O conservadorismo atual mantêm os mesmos conteúdos tradicionais dando-lhes uma aparência de modernidade através da utilização de artifícios de linguagem contemporânea, sobretudo das tecnologias da comunicação. Em nome da liberdade de expressão e da democracia entendida quase como um "laissez-faire" o poder das igrejas de intervir no rumo da política e da vida ordinária das pessoas tem aumentado assustadoramente. À exemplo disso, encontramos no Brasil, entre outras, a bancada evangélica e a bancada católica da Assembléia Legislativa tanto na esfera nacional quanto na local assumir posturas anacrônicas e

impedir reformas propostas pelo Governo federal em favor das mulheres.

Muitos líderes religiosos enriquecem-se à custa dos pobres e incautos, sobretudo das mulheres de poucos bens. Com sua pregação conseguem reafirmar e restaurar não só a hierarquia de classe, mas também a de gênero, especialmente no que concerne a imagem masculina de Deus. A partir dela os maiores representantes continuam a ser homens a quem segundo eles Deus entregou o poder de representação e direção. Como já dizia a filósofa e teóloga norte-americana Mary Daly “se Deus é homem, então o homem é Deus” (1973:19). Esta representação masculina de Deus teve e tem conseqüências bastante sérias na vida de muitas mulheres colonizadas por essa imagem. Dizer colonizadas é também afirmar a possibilidade da descolonização e, portanto do encontro com outras imagens que mantêm o sagrado da Vida na diversidade de suas opções e expressões.

Os conteúdos teológicos, em geral tirados da Bíblia a partir de uma leitura que favorece suas interpretações vão de encontro à ideologia guerreira instaurada entre Deus e o Diabo. O pastor, o padre, o apóstolo, o bispo aparecem como os detentores desse poder capaz de curar e expulsar demônios. A simplista ideologia do bem e do mal personificada por Deus e pelo Demônio toma corpo e parece explicar ou ao menos justificar os problemas de muitas pessoas. Nesse contexto, a grande maioria das vítimas do Demônio são mulheres acometidas por doenças e males dos mais diferentes tipos. São elas que acorrem aos templos e se dobram diante da autoridade religiosa para implorar graças e favores. Basta uma simples observação das sessões de exorcismo, de cura e das celebrações religiosas realizadas nos muitos templos para apreendermos o rosto feminino da religião popular.

Deixando de lado o sempre presente e crescente charlatanismo de muitos líderes religiosos, minhas perguntas giram em torno das necessidades que levam tantas mulheres a buscar apoio nesses lugares de privilegiada dominação masculina. Por que a ‘razão’ racional aparentemente bem presente nos homens e mulheres parece diminuir sua “distribuição” pretensamente igualitária quando se trata da religião das mulheres? Em outros termos, como entender a ausência de espírito crítico diante de claras manifestações de dominação das consciências? Aqui a questão de gênero e do gênero feminino torna-se uma questão existencial filosófica



cultural e social com abertura a todos os campos da ciência humana. Poderíamos dizer que a dominação das mulheres pela religião está mais ou menos inscrita na maneira como foram ou fomos socializadas. Isto significa também que há uma hierarquia nas tradições culturais religiosas recebidas que influenciam nosso jeito de encontrar, desenvolver e manter nosso lugar no mundo. E, apesar dos avanços que tivemos o núcleo tradicional da religião de dependência masculina continua a ser bastante atual e atuante. Ele é ainda o centro hegemônico que orienta a vida de milhares de pessoas que buscam sentidos para suas vidas e nelas as mulheres ainda são talvez as mais numerosas.

Sabemos bem o quanto a preocupação social da maioria das mulheres gira em torno do mundo doméstico dos filhos/as, da preservação da saúde dos outros e de si próprias. A partir dessa constatação, poderíamos falar em preocupações com o microcosmo da sobrevivência diária em contraposição às grandes questões do macrocosmo, que envolvem grandes problemas políticos e econômicos. O pequeno mundo, o micro continua sendo o mundo privilegiado das mulheres muitas das quais ainda não descobriram a estreita conexão entre o micro e o macro mundo que constitui a nossa vida. Esse pequeno mundo é instrumentalizado também pelo macro mundo da instituição religiosa que vive à custa dele. Esmolas, contribuições, dízimos, salários, trabalhos gratuitos são entregues pelas fiéis participantes dos cultos religiosos na inocente crença de que com isso estão agradecendo a Deus os benefícios recebidos ou desejados. As instituições religiosas reproduzem as formas de exploração do povo através das promessas que lhes fazem, do comércio 'espiritual' que mantêm e do espírito mágico que desenvolvem. Entretanto, não aparecem sob essa roupagem, mas como administradoras dos necessários benefícios dados por Deus para melhorar a vida dos crentes. Hoje, os fiéis são convidados/as a ter como objetivo de sua fé o sucesso à maneira do mundo capitalista. Bens de consumo, saúde obtida de forma quase mágica, restauração das relações conjugais e familiares são expressões do bem entregues através da intervenção dos líderes. Todas as respostas são saídas que tentam ignorar ou velar a responsabilidade social de cada um, especialmente dos que ocupam lugares de privilégio. A crueldade do mundo e a complexidade da vida humana são igualmente reduzidas ao alcance das vontades e decisões individuais. Identifica-se

indiretamente a vontade divina aos ideais do capitalismo que promete a participação de todos nos benefícios obtidos, e, age culpando aqueles que não conseguiram por suas próprias forças aceder a esses benefícios. Muitas igrejas aparecem como a mediação para se aceder ou ascender a uma vida de prosperidade identificada à vontade divina. Por essa razão se pode talvez afirmar que as igrejas em sua maioria 'vendem' uma crença religiosa que confirma o modo de capitalismo atual e reduz a dimensão ética coletiva a comportamentos assistencialistas que de certa forma mantêm a 'boa consciência' do dever cristão cumprido. As mulheres mais simples ou menos críticas são presa fácil para a manutenção da hegemonia do poder religioso masculino. Entretanto, não podemos eximi-las de uma responsabilidade social e da necessidade de abrirem-se para além das necessidades imediatas. Algo desse processo de consciência tem acontecido através da influencia do movimento feminista embora e outros de forma pouco organizada nas igrejas. Mas, tudo isso, embora esclareça algo, não explica suficientemente o que leva as mulheres a esses lugares de consolo e dominação. Uma aproximação mais direta será oferecida no item 04 do presente texto.

3. A dominação e a restauração de crenças alternativas

Em muitos lugares do mundo e de forma especial na América Latina um movimento alternativo e plural de espiritualidades incluindo curas e celebrações variadas vem tomando corpo. De maneira particular se expressa entre mulheres de classe média embora esteja também presente em outras. Dizer classe média é hoje dizer pouca coisa visto que esta categoria se organiza desde os mais diferentes parâmetros. Mas quero frisar especialmente a vivência e a ação de mulheres, algumas das quais universitárias que outrora eram fiéis e servidoras nas diferentes igrejas cristãs e que agora buscam nutrir sua espiritualidade em fontes híbridas. Estas fontes, de corte psicológico e esotérico, recuperam deusas antigas, misturam tradições orientais, indígenas e outras, preparam ritos diferentes para diferentes circunstâncias, reativam chacras e outras coisas que fogem do habitual processo religioso patriarcal. Usam incensos, perfumes, pedras, cristais, aromas diferentes, tecidos de



muitas cores, toques corporais, danças, músicas, cantos que fogem da linguagem religiosa cristã e, sobretudo do Canon de textos sagrados reconhecidos pelo Cristianismo. Falam a partir de uma visão holística e ecológica e criticam suas crenças tradicionais como um momento quase ultrapassado de sua história. Tentam superar a divisão entre corpo e espírito desenvolvendo uma consciência corporal mais unificada. Essa nova visão e prática entrega a muitas mulheres certo poder sobre sua vida e sobre a condução da vida de outras. Saem de uma pertença socialmente reconhecida em uma instituição religiosa cristã e passam a se agrupar por interesses e necessidades as mais diferentes. São, em geral, grupos pequenos onde os membros se conhecem e se ajudam mutuamente. Buscam apoio e sentidos para suas vidas. Como estes grupos não pleiteiam abrir espaços ou modificar conteúdos teológicos cristãos tradicionais não são objetos de perseguição e crítica das hierarquias religiosas. Na maioria das vezes as instituições religiosas especialmente as igrejas católica e da reforma protestante nem tomam conhecimento de sua existência. Se por acaso tomam, podem até suspeitar de suas crenças, mas não têm atitudes sistemáticas de repúdio visto que essas mulheres não buscam mais competir por espaços e poderes dentro do Cristianismo. Além disso, esses grupos de mulheres crêem que não há possibilidade de lutar para modificar as instituições milenares ou centenárias visto que elas estão enraizadas em conceitos, preconceitos e crenças que já não têm relevância para elas. Não têm mais muita preocupação em fazer análises sócio-religiosas e sócio-políticas a fim de intervir na história mais ampla. Conseguem algumas adeptas nos meios populares, mas não têm uma ação política direta para a modificação das estruturas sociais vigentes. Desenvolvem uma postura mais pragmática e imediatista da vida e acreditam que a transformação interior do indivíduo é capaz de gerar transformações sociais mais amplas. É claro que nessas afirmações mais ou menos gerais há exceções representadas por pessoas que aliam esta posição “espiritual” com uma militância política e social. São exceções que sempre existem e introduzem uma importante diferença no conjunto.

De uma maneira geral pode-se afirmar que esses novos grupos de mulheres não têm a pretensão de se perpetuarem como instituição. Têm uma estrutura leve que lhes permite existir por algum tempo e desaparecer quando

já não respondem a interesses de muitas. Alguns grupos se preocupam com a formação de outras mulheres para uma visão alternativa de vida, mas não resistem por muito tempo dada a informalidade de sua organização. Não cito nenhum grupo em particular para não melindrar sensibilidades e para não exercer julgamentos sobre suas práticas. Os leitores/as desse texto saberão reconhecê-los em seu entorno e perceber a diversidade e provisoriedade de sua constituição.

A questão que levanto em relação a esses grupos é sobre sua crença e sua metodologia em relação aos acontecimentos e instituições atuais que continuam a manter a dominação das mulheres. Sua ação é de criar caminhos de espiritualidade alternativa e com isso acreditam que indiretamente enfraquecem as instituições religiosas. Entretanto, espantame, às vezes, o reducionismo que fazem da realidade social acreditando que as modificações se dão quase que unicamente a partir do interior das pessoas. Em outros termos, acreditam muito pouco nos processos sociais educativos de massa, nos conflitos de interpretações, na força do que se chamava tradicionalmente de estruturas sociais de opressão e de movimentos de libertação de massa. Enfatizam, sobretudo, os processos individuais de libertação do corpo e da mente através dos muitos meios usados para se chegar a esta finalidade. Não têm ação social e política de massa e não pretendem buscá-la. São como pequenas seitas que irrompem em diferentes lugares, igualmente sem a pretensão de articulação entre elas. Seu potencial de intervenção social dessa forma se limita aos pequenos grupos que falam a mesma linguagem e crêem nas mesmas energias cósmicas e terrenas. Iniciam-se na nova cosmologia do Big Bang, em história das deusas, em medicina alternativa, em um budismo de divulgação que privilegia formas de meditação, no estudo da força dos cristais, nas pedras de muitas cores e origens. A simbologia utilizada quebra a hegemonia dos santinhos, imagens e cruces da tradição católica ou da adoração da Bíblia pela tradição protestante. Ao utilizar outros símbolos evidenciam o enfraquecimento, sobretudo do catolicismo tradicional em muitas de suas devoções e tradições e do dogmatismo bíblico protestante. Inauguram assim um feminismo espiritualista e universalista na medida em que usam elementos mais ou menos comuns em diferentes países. Entretanto, perdem o fio de uma tradição religiosa determinada, pois já não crêem que vale a pena investir nela para atualizá-la e recriá-la para



os dias de hoje. É bastante difícil avaliar a compreensão que esses grupos têm da história e das tradições religiosas passadas assim como de sua utilidade hoje. As vezes, correm até o risco de moldarem-se a um consumismo espiritualista muito em voga hoje e deixar de lado a necessária crítica da manipulação sócio-religiosa tão forte em nossos tempos. Suas esperanças ou seus ideais sociais são pouco manifestos, sobretudo porque não se percebe com clareza as utopias sociais nas quais ainda crêem e que poderiam animar sua ação. Sem dúvida esta falta de clareza pode estar relacionada à negação das crenças cristãs tradicionais a partir das quais se afirmava a necessária conformidade do fiel a um plano divino. Ao entender o plano divino como uma forma de dominação e não reinterpretá-lo a partir de chaves críticas contemporâneas da vida cotidiana ficam sem referências éticas, políticas e sociais que dão autoridade e estruturam uma pertença social e religiosa. Além disso, quebram com uma tradição religiosa única misturando-a a outras independentemente do contexto histórico que as viu nascer e se transformar ao longo de séculos de história. Nesse particular, apesar dos limites, são grupos bastante criativos quanto à integração de diferentes culturas e tradições lidas à sua maneira. Suas práticas religiosas fogem da tradição cristã dualista e ascética, mas introduzem outras práticas que contem apontam para novos limites.

Para alguns desses grupos a ascese do corpo se faz, sobretudo em relação a exercícios físicos, a interdição de certos alimentos, à mistura com outros, o evitar excessos de bebida alcoólica. Faz-se também através de meditações e respirações aprendidas de diferentes tradições. Entretanto, tudo isso não é feito para agradar nenhuma divindade, mas por respeito ao próprio corpo em suas diferentes dimensões. Têm em vista um aperfeiçoamento individual e a busca de um bem estar que significa para muitos o encontro da paz interior e de certa harmonia com o universo. Voltamos de certa forma a um individualismo contemporâneo com características especiais. O objetivo de “sentir-se bem” consigo mesma, em seu corpo e sua mente apesar dos inevitáveis dissabores que a vida nos lança a cada dia tem um lugar especial. Funciona como antídoto às muitas agressões que sofremos e a fragmentação e arritmia da vida moderna. Ajuda a quebrar tensões e a lidar melhor com os inevitáveis imprevistos da vida.

É interessante notar que desses grupos apenas participam mulheres, salvo raríssimas exceções. Quebra-se o pluralismo das comunidades humanas nos quais mulheres, homens, velhos, jovens e crianças de todas as idades e situações participam e se integram segundo suas condições. Se por um lado esse procedimento pode empoderar as mulheres por outro as protege de um enfrentamento com a realidade plural na qual vivemos. Tal constatação tem sua importância para ajudar-nos a entender algo da complexidade desse fenômeno. As mulheres têm buscado espaços entre elas para expressar o que vivem e sentem, assim como o que buscam e como querem ser ajudadas. Nesses espaços os problemas do cotidiano, dos filhos, netos, esposo, pais, os problemas dos outros ficam até certo ponto fora. Privilegia-se a respiração individual, o ritmo individual e o bem estar momentâneo individual embora se pratique a ajuda mútua para se chegar a uma boa conexão com seu próprio corpo.

A pergunta para esses grupos poderia ser: a que necessidades essa busca corresponde? Será que poderíamos reduzi-la a uma espécie de cooptação pelo mercado consumista de “bens espirituais”? Ou será que é uma força de sobrevivência para as mulheres que já não encontram lugar nas tradicionais instituições da religião? As questões ficam em aberto e convidam a uma reflexão plural e diversa segundo a diversidade dos grupos. Não há respostas absolutas que expressem a complexidade do momento vivido, mas uma atitude de escuta, observação e articulação dos fenômenos em nós e fora de nós. Estamos no provisório e nos nutrimos dele.

4. Mulheres e a *questão do cuidado de si*

A partir de uma observação de alguns comportamentos de mulheres que freqüentam espaços religiosos ou que criam espaços religiosos alternativos podemos tentar uma interpretação provisória das razões da busca desses espaços. Essa interpretação provisória quer apenas aprofundar algumas das intuições que já acenamos anteriormente. Portanto, essas razões são limitadas a uma interpretação que não necessariamente coincide com o que vivem e sentem todas as mulheres que freqüentam igrejas e grupos alternativos.

Falo do “cuidado de si” como um motivo ou uma



justificação ou uma necessidade entre as muitas buscas femininas nas muitas religiões e grupos.

Minha reflexão se distingue em grande parte do trabalho de Michel de Foucault sobre o 'cuidar de si mesmo' ou o 'ocupar-se de si mesmo' no terceiro volume da sua "História da Sexualidade". A referência ao mundo grego, particularmente o mundo dos sábios e filósofos confirma de certa forma que o cuidado de si, preocupação dos antigos pensadores, tem mais a ver com o cuidado de si masculino. Além disso, trata-se da vida e do cuidado de uma elite com espaço para ler, partilhar e exercitar-se na arte de cuidar de si. Fica expresso também, e de forma clara, que as mulheres da época não escreveram sobre o 'cuidado de si' e não havia o cuidado delas por elas, mas quase sempre em função dos serviços que dedicavam à família ou a prole. A preocupação dos homens para com elas não incluía necessariamente o mesmo cuidado que os sábios aconselhavam aos homens e especialmente aos discípulos. Apesar do grande valor e interesse da obra de Foucault, aliás, bem acolhida por muitos feminismos, hoje estamos em outro contexto. Por isso, podemos dizer que há muitas formas das quais se reveste "o cuidado de si" contemporâneo das mulheres. O espaço religioso é uma dessas formas e como se pode esperar, comporta inúmeras contradições apesar de sua aparente acolhida social.

A meu ver, o espaço religioso público é um espaço a partir do qual as mulheres cuidam de si sem culpa de o fazerem. Lá elas podem expor ao pastor, ao apóstolo, ao padre, todos homens representantes de Deus, suas dores, sofrimentos, angústias e serem ouvidas. Sem dúvida são ouvidas num mínimo lapso de tempo, mas num tempo que se torna para elas qualitativamente diferente de outros tempos. Em geral o mesmo não acontece no mundo doméstico onde o cuidado dos outros supera o cuidado de si, onde elas devem quase sempre renunciar a si mesmas em favor dos outros. Também não acontece no mundo do trabalho remunerado no qual as mulheres ainda lutam por reconhecimento igualitário e são vítimas dos muitos estereótipos em relação a elas. O espaço religioso é um espaço onde mulheres podem também encontrar-se entre mulheres que vivem as mesmas carências e até problemas semelhantes. Gestos de compreensão e solidariedade se delineiam, novas amizades se fazem, cumplicidades são tecidas.

Nos templos e movimentos religiosos se pode pedir

para si mesma, e por isso se pode superar o processo de socialização a partir do qual nós mulheres “somos para os outros”, somos feitas para cuidar dos outros, nossa razão de ser são os outros. O templo apesar de seus limites é o lugar onde exponho publicamente minha dor nas costas, minhas feridas, minha falta de ar, meu abandono..., na esperança de ao menos ser ouvida. O templo dominado pela figura masculina se torna o lugar onde a sociedade permite às mulheres de serem reconhecidas e, sobretudo, cuidadas das dores que carregam. E não há que esquecer que nesse espaço elas acreditam que são cuidadas por homens bons, apóstolos do Cristo, representantes de Deus, homens muitas vezes qualitativamente considerados diferentes dos seus. Nesse espaço elas não correm o risco de serem agredidas ou diminuídas, embora isto possa acontecer. Entretanto, o que a maioria não percebe é que esse comportamento dos homens ‘religiosos’ é uma falácia, uma armadilha que não apenas favorece o poder masculino, mas é necessária para que seu poder social e econômico aumente. Nas costas das mulheres eles se riem delas e continuam a diminuí-las. A falta de consciência religiosa e política das mulheres crescem na proporção direta do aumento do poder dos homens; sua submissão os enriquece e mantém seu papel de dominação.

O tempo de convívio no templo ou outros espaços religiosos é igualmente a vivência de um tempo simbólico afetivo. Trata-se de um tempo curto, quase instantâneo, o tempo de um olhar, de um abraço, de um aperto de mãos, de um toque. É como se fosse o tempo de uma carícia rápida capaz de aliviar sofrimentos ou até aumentar a auto-estima. É um espaço e um tempo que valem, pois aliviam algo do peso da carência pessoal carregada. Entretanto, essa aparente satisfação, mais uma vez, custa bastante caro visto que mantém a submissão à figura masculina em troca de instantes de esperada cura e de prazer. Além disso, mantém a dominação masculina no espaço corpóreo de intimidade das mulheres. Muitas mulheres acreditam ou se esforçam por acreditar na bondade do pastor, no especial cuidado que ele tem por elas impondo as mãos sobre suas cabeças ou abraçando-as na invocação dos poderes divinos. A emoção aflora em cheio, irrompe em lágrimas de gratidão, em pequenos prazeres instantâneos que tornam a figura masculina ao menos naquele instante uma figura salvífica. Muitas desenvolvem quase uma paixão pela pessoa pública do padre ou do pastor, paixão que as impede



de pensar no papel social que ele está exercendo e na possível submissão que lhes é imposta. Sentem-se amadas, chamadas delicadamente pelo nome, ouvidas e não cobradas. Este momento lhes parece ser um instante de suprema bondade, instante em que experimentam uma atenção única, como uma benção que levam consigo e que dá um sentido imediato a suas vidas. Antes que as coisas voltem ao sempre igual do mau trato e da violência cotidiana, antes que a monotonia da vida doméstica reine de novo, antes que os achaques da doença comam as energias da vida é preciso gozar do bem de existir com dignidade. O cuidado de si torna-se por instantes o cuidado que o outro tem de mim, a necessidade da palavra e do carinho do outro que é capaz de ajudar a sustentar-me em minha própria vida. Isto sem dúvida não é tudo o que está acontecendo na intimidade de cada uma, mas nos diz algo das buscas de muitas dessas mulheres. Falam-nos de uma reivindicação implícita e explícita de que nós precisamos ou queremos bem mais do que apenas cumprir os papéis que tradicionalmente nos outorgaram. Estamos buscando o direito ao prazer e estamos saindo da vitimização subjetiva que impomos a nós mesmas como resposta às exigências da cultura. Estamos lentamente quebrando esquemas de perfeição que nos escravizaram e culpabilizaram por não sermos as boas meninas, as boas moças, as mães ou filhas que deveríamos ser. Pouco a pouco, apesar das ambigüidades, as mulheres hoje estão abrindo lugares para si e se expressando mais livremente na tentativa de sair da dependência opressiva do 'dever ser'. Não apenas devemos ser o que os ideais culturais e religiosos nos impõem ou nos sugerem, mas tentar ser algo do que buscamos como felicidade, como prazer, como bem estar. Nos templos agora as mulheres "tiram o véu", descobrem a cabeça apesar dos muitos limites dessas simples ações. Nessa dinâmica há pequenos passos que indicam ao menos uma transformação mínima do desejo feminino. E esta pode levar a uma busca de autonomia e liberdade se nós mulheres nos dispusermos a cuidar coletivamente de nós mesmas, se nos tornarmos mais próximas das dores e alegrias umas das outras na diferença e semelhança de nossas histórias. Estaremos talvez inaugurando uma justiça de mulheres de olhos abertos. Não mais a justiça simbolizada por uma mulher de olhos vendados e uma balança nas mãos. Abrir os olhos significa reconhecer nossos limites e nossas capacidades de tentar novos caminhos a partir dos quais a

participação das mulheres na construção de sentidos uma realidade que fará diferença no complexo emaranhado da história.

5. A questão da teoria e da prática na teologia feminista

As teólogas feministas representam um grupo especial de mulheres, muito embora, possam estar ligadas tanto aos grupos de mulheres de meio popular, de classe média e outros.

A teologia feminista começou a afirmar-se na América latina especialmente na década de 1980 como uma variante da teologia da libertação (Gebara, Ivone, 2006). As teólogas passaram a afirmar a necessidade de uma libertação específica das mulheres dentro dos processos sociais, culturais e religiosos de libertação. E isto porque não apenas viveram, mas constataram os processos de exclusão e dominação que se faziam sentir nas instituições sociais e especialmente nas igrejas. No início desse processo se situavam no interior de suas igrejas, comunidades e faculdades de teologia. Tentaram abrir caminhos no interior das instituições. Pouco a pouco, entretanto, com o aguçamento de seu discurso crítico foram sendo rejeitadas e passaram a se distanciar da vida cotidiana das comunidades cristãs. Muitas se aliaram mais às teóricas do feminismo e aos movimentos feministas do que às suas comunidades eclesiais de origem. Sem dúvida era difícil sobreviver diante de uma hierarquia masculina detentora de muitos poderes, sem chances de espaços e responsabilidades igualitárias. Era difícil igualmente sobreviver com conteúdos que violentavam sua razão e suas entranhas. A divisão social do trabalho e dos poderes era mais rígida nas instituições religiosas do que nas instituições sociais. Os conteúdos teológicos veiculados nos processos de educação cristã continuavam a privilegiar a superioridade masculina. Era igualmente difícil articular posições em relação à sexualidade, às identidades sexuais, ao aborto, a homossexualidade nas suas diferentes expressões num ambiente avesso e agressivo a essas identidades múltiplas. A vontade soberana de seu Deus se expressava através de julgamentos implacáveis e punições seculares. Muitas teólogas se viram obrigadas a tomar distância em relação às instituições religiosas às quais pertenciam por uma simples questão de sobrevivência.



Não eram aceitas nas faculdades de teologia, nem nas organizações das igrejas porque suas propostas não cabiam nos espaços liderados pelos homens. Esse distanciamento de certa forma não permitiu que sua influência sobre a vida de muitas comunidades cristãs se tornasse possível. Pensar de outra maneira, expressar a fé em outros termos, relativizar as interpretações bíblicas e teológicas do passado e do presente punham em cheque o fundamento do poder masculino defensor das tradicionais imagens de Deus e de Jesus Cristo. Igualmente, de forma indireta, estava em cheque o suporte ideológico religioso presente no capitalismo atual que alimentava o mercado da religião. Por isso, hoje se pode dizer que uma parte importante da produção teológica feminista não chega até as comunidades cristãs. A censura clerical e social se exerce imediatamente e impede que os novos conteúdos possam se expressar e fazer parte das crenças da comunidade. Tal situação levou a um distanciamento das teólogas feministas do cotidiano de comunidades religiosas populares e de classe média. Entretanto, seus textos são ainda lidos por um bom número de pessoas e nutrem sua maneira de viver no mundo e compreender o Cristianismo. As teólogas feministas estão de fato à margem das instituições religiosas muito embora estejam dentro delas. Muitas ainda acreditam na possibilidade de resgate da dimensão ética do Cristianismo e tentam de muitas maneiras torná-la presente através de suas muitas atividades. É nessa mistura de vozes, clamores e sabores que as relações avançam... Não mais em uma só direção, mas em muitas revelando algo da complexa racionalidade que se delinea.

Breve conclusão: a nova racionalidade feminina

Creio que o feminismo, como movimento marcado pela diversidade de expressões abriu-nos para outro tipo de racionalidade. Sem dúvida quando falo de feminismo incluo também movimentos de pensamento que convergem para novas maneiras de entender o mundo e as relações humanas. Através delas estamos denunciando os conceitos universais do passado elaborados a partir de uma racionalidade masculina que se impôs como verdade. Esta era, sem dúvida uma racionalidade, situada e datada, porém julgava-se acima das vicissitudes e mutações do tempo e do espaço. Por essa falta de contextualização e de escuta aos grandes desafios

atuais marcados pela diferença esta racionalidade masculina corre o risco de entrar em colapso ou de não responder mais às questões desafiantes de hoje. Os sinais de degradação e de descompasso em relação ao tempo atual estão aí e basta nos dispormos a enxergar para apreender sua presença em muitos lugares e situações. A insatisfação crescente diante das satisfações imediatas, os sentidos muitos em busca de sentido mais pleno, a incerteza crescente diante das promessas da ciência e da política são apenas alguns sintomas facilmente observáveis.

Falar de racionalidade masculina ou feminina significa apenas reafirmar a contextualidade de nosso conhecimento e a maneira corporal a partir da qual eles se dão. Significa acolher o fato das muitas interpretações da mesma história partilhada. Nesse sentido os corpos masculinos a partir de seu lugar social apreendem os acontecimentos de forma limitada à sua experiência biológica social e, o mesmo se afirma, em relação aos corpos femininos. Os processos de socialização que obedecem a um sistema binário rígido muitas vezes tomado como maneira única de vivermos como seres humanos estão se tornando cada vez mais anacrônicos e desmentindo o real vivido por nossos corpos.

Ao longo da história da teologia e das diferentes igrejas cristãs foram principalmente os corpos masculinos que explicitaram os conteúdos que deveriam ser cridos pelo conjunto dos fiéis. E não quaisquer homens. Eram os homens que faziam parte do clero, em geral célibes, e acreditavam não só representar Deus historicamente, mas ser aqueles seres privilegiados capazes de ministrar aos fiéis as graças divinas. Eram representantes de verdades absolutas, de princípios eternos, únicos capazes de dirigir a frágil humanidade. As mulheres sempre tiveram que se submeter à doutrina ensinada a partir de uma racionalidade idealizada; nem sequer puderam pleitear ser parte do Magistério eclesiástico. O limite biológico imposto aos seus corpos pelo fato de não serem biologicamente do sexo masculino as privava não só do acesso a muitos conhecimentos teológicos, mas da representação simbólica do divino. Embora essa situação perdure na oficialidade das Igrejas e particularmente da Igreja Católica Romana, há uma mudança significativa no século XXI em relação a essa forma de racionalidade e sua expressão nas diferentes crenças religiosas. As transgressões acontecem no cotidiano como se quisessem negar a força dos



poderes hegemônicos.

Muitos grupos de mulheres têm percebido ao longo do século passado e do atual a cumplicidade das Igrejas cristãs com muitas formas de exclusão das mulheres não só de funções no interior das Igrejas, mas de direitos sociais inerentes à pessoa humana. Os sofrimentos de muitas de nós e a consciência de que grande parte da doutrina cristã ensinada se funda numa lógica hierárquica masculina que justificava nossa submissão nos acordaram para novas buscas. A elaboração das muitas teologias feministas é uma expressão dessas muitas buscas e o testemunho de que já não estamos em silêncio e com as cabeças veladas.

As teologias feministas tentaram e tentam ainda resgatar a presença histórica das mulheres desde a origem do Cristianismo mostrando seu papel decisivo na formação das comunidades cristãs e na expansão da mensagem evangélica dentro das famílias e nas comunidades através de muitos rincões do mundo. As mulheres nunca foram reconhecidas como decisivas nas obras de educação e de caridade instituídas pelo Cristianismo ao longo dos séculos embora a maior parte desse trabalho estivesse em suas mãos. Fomos consideradas serviçais obedientes aos projetos expansionistas masculinos, muito embora nessa mesma submissão tivéssemos demonstrado também nossa criatividade e originalidade. Hoje estamos contando outra história a partir de uma racionalidade plural que enfatiza as muitas histórias construindo a História.

O resgate de nossa história pessoal e comum levou-nos a suspeitar e a perguntar sobre muitos conteúdos e acontecimentos do passado. O ocultamento público e do silenciamento histórico do qual fomos vítimas são resgatados hoje de muitas maneiras. Ousamos expressar nossa palavra, expor emoções, delinear intuições, falar de nossos corpos, criar novas linguagens e mediações analíticas. Somos capazes de abrir as páginas da história passada e perguntar onde estávamos quando não aparecemos no texto oficial.

Percebemos que na elaboração mesma das doutrinas cristãs a racionalidade presente era uma racionalidade eminentemente masculina que se julgava a primeira e a única. Houve até quem duvidasse que as mulheres fossem dotadas de razão. Por isso, deveríamos nos submeter aos homens. Recordar esses comportamentos passados nos dias de hoje pode parecer anacrônico se eles não estivessem ainda

presentes na memória coletiva dos cristãos, na prática de muitos e em particular do clero. E mais, se eles não estivessem ainda regendo o comportamento de muitas mulheres que não hesitam em oferecer-se como sacrifício diante de teorias teológicas proclamadas como vontade divina. Mulheres que ainda se submetem a regras de controle imaginando com isso servir não apenas à Igreja, mas ao Deus todo poderoso. E nessa submissão feminina percebemos o quanto fragilidades e poderes se escondem. E o quanto muito do escondido precisa ser revelado, mostrado à luz do dia para que de fato sejamos capazes de acolher a vida como ela é. Desalienar as mulheres de suas ilusões religiosas tem sido uma das tarefas das teologias feministas. Desalienar é abrir novos caminhos, esperanças e liberdades.

Uma racionalidade feminina não é o oposto da masculina, mas leva em consideração a vivência de seu corpo, de sua história, de seus condicionamentos próprios e a partir deles afirma-se e busca formas de libertação. Nesse sentido podemos dizer que são muitas as racionalidades como são muitas as interpretações que temos dos fatos da vida humana, interpretações que se refazem e se renovam continuamente.

Nessa perspectiva, a teologia feminista fala de uma racionalidade contextual e de uma racionalidade de mulheres a partir de sua experiência própria e de sua relação com os homens. Esta significa perceber o mundo e as relações não só a partir de outro lugar social, mas de outro lugar corpóreo, de outras sensações, de outras formas de se aproximar da realidade. Essa outra forma pretende ser, na medida do possível, inclusiva de todos os seres humanos e não reduz a manifestação daquilo que chamamos de divino ao masculino. Assume uma postura ética e simbólica privilegiando tanto as mulheres quanto os homens na sua diversidade, como artesãs e artesãos da herança cristã atual. Por isso, Deus já não pode mais ser apenas Senhor e nem Senhora, mas o misterioso sopro de vida que atravessa nossas vidas e nos convida desde nossa vida a lutar por vida digna. Tirar Deus da prisão da racionalidade masculina e da instrumentalização feita pelo poder religioso e político é abrir a possibilidade da valorização de todos os corpos como lugares divinos, como expressão de uma beleza única, como fonte de criatividade não controlada por dogmas ou por leis que limitam a liberdade do amor. É igualmente possibilitar nossa responsabilidade comum em relação à nossa vida e à vida dos demais seres do planeta. É



esta em pequenas pinceladas a nova e velha racionalidade que as mulheres querem recuperar, uma racionalidade aprendida de nossas ancestrais e de nossas contemporâneas.

É na explicitação da racionalidade feminina entre as muitas racionalidades que se situam alguns dos desafios que as mulheres lançam às teologias do século XXI e constroem um novo protagonismo. A partir de diálogos plurais se fazem, re-escrituras da História se delineiam e poderão seguir se desenhando à luz do bem que buscamos em comum.

Gostaria de concluir essa reflexão com um pequeno poema de uma poetisa amiga nascida em Porto Rico e recém falecida, Iris Maria Landrón (2012): “Cierto que vendrán tiempos mejores/Pero para ello hay que vivir bien el que ya está aquí”.

Viver bem o tempo que está aqui é acolher este tempo desde nossas entranhas para torná-lo nosso corpo imperfeito e perfeito, puro e podre, maior e menor que nós mesmas, somado, dividido, diminuído, multiplicado com tantos outros corpos. É esse nosso corpo de hoje, nossa racionalidade de agora. Não mais pura, não mais de idéias ‘claras e distintas’, não mais da razão pura, mas da razão misturada, espalhada pelo corpo, pelas vísceras, pelas entranhas, por todos os sentidos e sem sentidos. É nessa e dessa mistura vital que se podem esperar tempos melhores, melhores por um tempo... E a cada dia na misturada dinâmica sem fim da história humana queremos recomeçar a olhar a novidade do mundo, os novos rostos, os novos sons, as harmonias e desarmonias que fazem das vidas simplesmente Vida.

Bibliografía

- ALTHAUS-REID, Marcella (2005). *La teología indecente. Perversiones teológicas en sexo, género y política*. Barcelona: Bellaterra.
- ARENNDT, Hannah (2008). *Compreender. Formação, exílio e totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG.
- BENHABIB, Seyla (2004). *Los derechos de los otros. Extranjeros, residentes y ciudadanos*. Barcelona: Gedisa.
- BENHABIB, Seyla et al. (1995). *Feminist contentions: philosophical exchange*. New York: Routledge.
- BUTLER, Judith (1990/1999). *Gender Trouble. Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge.



- CANDY STANTON, Elizabeth (1895/2014). *Women's Bible*. United States: Bibliotech Press.
- CONNOLLY, William (2013). *The fragility of things*. Durham: Duke University Press.
- FOUCAULT, Michel (1976/2005). *História da sexualidade 3. O cuidado de si*. São Paulo: Graal.
- DALY, Mary (1973) *Beyond God the Father*. Boston: Beacon Press.
- GEBARA, Ivone (2006). *O que é Teologia Feminista*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- GEBARA, Ivone (2010). *Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos*. São Bernardo do Campo: Nhanduti.
- GEBARA, Ivone (2014). *Filosofía feminista. Brevisima introducción*. Montevideo: Doble Clic.
- GEBARA, Ivone (2014). *Teologia Urbana: ensaios sobre ética, gênero, meio ambiente e a condição humana*. São Paulo: Fonte Editorial.
- LANDRÓN, Iris María (2012). *Cucubanos por siempre*. Disponible en: www.cucubanos.webcindario.com
- MARCOS, Sylvia (ed.) (2000). *Gender/Bodies/Religions*. México: Aler Publications.
- Hacia una teo-ética feminista para generar cambios (2014). En *XVII Jornadas Mujeres y Teología*. Publicación del Núcleo Mujeres y Teología. Guatemala.
- FERREIRA, Verônica María (2010). *Por mim, por nós e pelas outras: mulheres resistindo à violência em diferentes contextos*. Recife: Edições Sos Corpo.
- RUETHER, Rosemary Radford (1993). *Sexismo e Religião*. São Leopoldo: Sinodal.
- WEBER, Max (1905/2001). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Fecha de recepción: 13 de diciembre de 2014

Fecha de aceptación: 12 de marzo de 2015

